

PIAGET E AS IDÉIAS MODERNAS SOBRE EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DOS ESCRITOS EDUCACIONAIS DE JEAN PIAGET PUBLICADOS ENTRE OS ANOS DE 1920 A 1940¹
Piaget and modern ideas about education: a study of Piaget's educational writings published between the twenties and forties.

Marisa Lomônaco de Paula Naves²

RESUMO

As relações entre a obra de Jean Piaget e a educação são tratadas, neste texto, a partir de um estudo realizado sobre os escritos educacionais deste autor, publicados entre 1920 e 1940 quando se consolidava, na Europa, o Movimento Renovador da Educação. O texto sintetiza os argumentos e as reflexões teóricas de Piaget sobre os procedimentos e métodos de ensino, sobre o papel socializador da escola e sobre a fundação de uma Pedagogia científica. A análise confirma o intenso envolvimento do autor na discussão acalorada da mais importante reforma de ensino do século XX.

Palavras-chave: Piaget, Teoria psicogenética, Educação, Escola ativa.

ABSTRACT

The relationship between the work of Jean Piaget and education is treated in this text from study about the educational writings published between the twenties and forties and related to the Progressive Education Movement in Europe. Synthesizes Piaget's arguments and theoretical reflections about the procedures and methods of teaching, the socializing role of the school and the foundation of a scientific pedagogy. It thus confirms Piaget's intense involvement with the heated discussion about the most important educational reform of the twentieth century.

Key Words: Piaget, psychogenetic theory, Education, active school

Introdução

As relações entre a obra de Jean Piaget e a Educação constituem um tema bastante polemizado que já atraiu, para os meios acadêmicos, o debate, inclusive entre os estudiosos da própria concepção piagetiana. De fato, são muitos os autores que, sob diferentes perspectivas, alimentaram e enriqueceram a discussão com valiosas críticas e contribuições, tanto no âmbito da reflexão teórica, como no da prática psicopedagógica. Há, contudo, entre os piagetianos, a idéia, praticamente unânime, de que Jean Piaget só

¹ Texto apresentado no I Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Atualidade da Obra de Jean Piaget: Aprendizagem e Conhecimento em Construção. Unesp/Marília-SP, set, 2009.

² Doutora em Educação – Psicologia da Educação – pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mlpnaves@ufu.br

se interessava de modo bastante secundário pela Pedagogia ou que os temas educacionais ocuparam um lugar menor em seu empreendimento científico.

O envolvimento com temas educacionais pode mesmo parecer descabido para um autor que se propôs a trabalhar na elaboração de uma Epistemologia Científica. Um empreendimento de grande vulto que, por certo, exigiria o tratamento de questões mais pertinentes. Contudo, a presença de Piaget na discussão pedagógica é um fato e a bibliografia disponível sobre o percurso intelectual e profissional desse autor, bem como a literatura relativa às questões pedagógicas do século XX, confirmam-no de maneira incontestável. Para esse fato, existem, obviamente, razões circunstanciais. Há todo um contexto histórico, social e cultural que permitiu e facilitou os laços de Piaget com a Educação. Laços oficialmente confirmados por sua permanência por um extenso período na direção do BIE (Bureau International de L'Education), uma instituição voltada especialmente para os temas pedagógicos. Porém o autor, preocupado, acima de tudo, com questões centrais da epistemologia, poderia ter também muitas razões para não se envolver tão intensa e longamente com a educação, e, quem sabe, até evitar que, a contragosto, viesse a ser conhecido mais como pedagogo ou psicólogo do que o epistemólogo como desejava ser chamado.

Por que, então, Piaget se envolveria com os assuntos educacionais? Que tipo de preocupações teria com as reflexões nesse campo? O que elas significaram para o desenvolvimento da Pedagogia? Perguntas como estas moveram este estudo. Em função delas consultamos arquivos, separamos documentos e refizemos leituras. Nossa análise teve como preocupação central, não uma leitura presidida pela busca de noções ou conceitos teóricos que viessem confirmar ou questionar uma prática pedagógica específica. Mas, sobretudo, procuramos encontrar ali, informações que nos possibilitassem compreender, com um pouco mais de clareza, os vínculos estabelecidos e/ou desejados por ele com esse campo.

Conhecer os motivos que levaram Jean Piaget a se preocupar com assuntos educacionais pode ser inútil, se acreditarmos que seu envolvimento com a educação se explica unicamente por razões acidentais. No entanto, se tivermos em conta que Piaget acreditava na possibilidade de influenciar a Pedagogia, então, essa tarefa reveste-se de alguma importância, especialmente se, na revelação dos motivos, pudermos verificar em que medida e de que maneira pensava contribuir nesse domínio.

A questão das relações entre Piaget e a Educação é, pois, tratada neste trabalho sob o ponto de vista do autor: os argumentos e articulações dele próprio entre sua teoria e questões de domínio escolar. Apresentaremos a síntese de um estudo que desenvolvemos sobre os escritos especificamente educacionais de Jean Piaget publicados entre os anos 20 e 40. Para analisá-los consideramos o contexto histórico-pedagógico da época em que foram publicados e a evolução teórica da obra científica de Piaget.

As primeiras pesquisas psicogenéticas e o encontro de Piaget com a educação.

Piaget iniciou a década de 1920 determinado a dirigir seus estudos para o campo da Epistemologia, mas certo de que deveria iniciá-los com investigações empíricas no

âmbito da Psicologia Genética. No Instituto Jean-Jacques Rousseau desenvolveu, entre 1921 e 1925, suas primeiras pesquisas, dedicadas ao estudo da linguagem, da lógica, da moralidade, das representações de mundo e das explicações das crianças sobre os fenômenos da natureza, bem como ao estudo das relações desses aspectos do desenvolvimento infantil com a inteligência objetiva. Suas preocupações centravam-se mais na análise dos mecanismos psicológicos gerais do pensamento e na elaboração de uma metodologia capaz de ‘captar os fatos’, à luz da concepção psicogenética, tal qual sonhava, do que, propriamente, na explicação de um processo que culminaria com a objetividade do pensamento.

Os estudos, mais tarde publicados³, confirmavam o pensamento da criança como *sui generis*, muito diferente do pensamento adulto, não somente pelos interesses que os dirigem, mas também pelo tipo de raciocínio que alcançam e por suas estruturas lógicas. Traziam, em suas conclusões, a importância da atividade na formação da inteligência; a idéia de que o pensamento objetivo resulta da descentração e da coordenação progressiva de pontos de vista e apresentavam um novo método, misto de conversação clínica e observação minuciosa, utilizado na condução das pesquisas. Todavia, sem se constituírem ainda aquilo que veio a ser conhecido como a Teoria Psicogenética Piagetiana tornaram-se particularmente interessantes ao Movimento Renovador da Educação, entusiasmando Edouard Claparède, que passou a divulgar e a recomendar o trabalho daquele jovem pesquisador.

Foi também nessa ocasião que Piaget delineou os rumos de suas pesquisas futuras. Em sua *Autobiographie* (1976) relatou que, por mais um período de dois ou três anos, desejava ainda dedicar-se ao estudo da gênese da inteligência, para em seguida, investir na elaboração de uma epistemologia genética.

Até o final dos anos de 1940, e ainda no Instituto Jean-Jacques Rousseau, Piaget desenvolveu grande parte de suas pesquisas psicogenéticas. Essas pesquisas⁴, que lhe tomaram mais tempo do previra, possibilitaram-lhe, no entanto, uma compreensão mais objetiva do pensamento e do raciocínio infantis, pois se referem à análise dos mecanismos formadores da inteligência e à gênese de noções científicas, desde as primeiras estruturações encontradas na criança pequena até as elaborações observadas no início da adolescência. Trabalhando com a hipótese de que a inteligência adulta se desenvolve a partir da coordenação das ações do recém nascido, Piaget descobriu quatro grandes estruturas do pensamento que são construídas ordenada e sucessivamente de forma integrada e que se dirigem, em cada nível, para um equilíbrio melhor e mais estável. Em 1947, publicou *Psicologia da Inteligência*, um livro que, reunindo de maneira sintética as conclusões de suas pesquisas, anuncia uma teoria epistemológica – objetivo central de seu programa de pesquisa.

³ A Linguagem e o Pensamento da Criança (1923), O Raciocínio da Criança (1924), A Representação do Mundo na Criança (1926), La Causalité Pysique chez l’Enfant (1927) e O Juízo Moral na Criança (1932).

⁴ O Nascimento da Inteligência na Criança (1936), A Construção do Real na Criança (1937), A Formação do Símbolo na Criança (1945), A Gênese do Número na Criança e O Desenvolvimento das Quantidades Físicas na Criança (ambos em 1941), A Noção de Tempo na Criança (1946), A Representação do Espaço na Criança e a Geometria Espontânea na Criança (ambos em 1948).

Se, por um lado, seus planos iniciais, previam equivocadamente um trabalho, no campo da Psicologia, de curto ou médio prazo, por outro, ele acreditava que, para estudar empiricamente o desenvolvimento do pensamento, não poderia se envolver com “preocupações não psicológicas”. Mesmo assim, seduzido pela possibilidade de contribuir com seus estudos para a renovação do ensino, Piaget assumiu o posto de diretor do BIE, órgão de abrangência mundial criado, junto ao Instituto Jean-Jacques Rousseau, para promover o vínculo entre educadores interessados nos progressos da educação.

Em 1929, aceitei, imprudentemente, o cargo de diretor do Bureau International de l'Education, cedendo à insistência de meu amigo Pedro Rossello. [...] Essa instituição [...] interessava-me por duas razões: em primeiro lugar, graças à sua organização intergovernamental, poderia contribuir para a melhoria dos métodos pedagógicos e para a adoção oficial de técnicas mais adaptadas ao espírito da criança. Em segundo lugar, havia um elemento de prazer, eu diria, naquela aventura. (Piaget, 1976, p.17. Tradução nossa).

Contribuir para a melhoria dos métodos pedagógicos e para a adoção de técnicas mais adaptadas ao espírito da criança! Estão aí, apresentadas pelo próprio Piaget, as razões que o levaram a aceitar um cargo no qual permaneceu por 38 anos. Mas porque ele se lançaria nessa “aventura”? Como poderia inserir-se na discussão pedagógica? De que forma pensava contribuir?

A entrada no exercício da direção do BIE marca, portanto, o ponto de partida deste estudo. Todavia, para compreender a natureza das relações que Piaget estabeleceu com o campo educacional, abriremos um espaço e traremos à lembrança o panorama geral das idéias que moviam a reflexão pedagógica naquela época.

O contexto pedagógico.

No domínio educacional, o início do século XX foi marcado por um importante fato pedagógico: o Movimento Renovador, caracterizado na Europa por *Escola Nova ou Ativa*, mas que se concretizou em outros lugares como nos Estados Unidos, onde foi chamado de *Educação Progressiva*, e nos países socialistas, onde foi identificado como *Igualitarismo Socialista*. (Coll, 1988).

As idéias renovadoras, elaboradas de acordo com os parâmetros da modernidade, revelavam a arquitetura de uma nova mentalidade educacional, resultante das transformações econômicas, sociais, políticas e ideológicas, percebidas no período da industrialização mundial e acompanhavam as exigências de expansão tecnológica. Traziam em seus princípios fundamentais, a preconização do direito de todos à educação a ser garantido com a inclusão das classes menos favorecidas no sistema escolar – direito que expressou, de um lado, a crença numa sociedade igualitária, mais justa e humanizada e, de outro, a crença na educação como meio eficaz de acelerar o surgimento dessa sociedade. A moderna concepção de ensino apontava, ainda, outra perspectiva para a função educativa

ao priorizar, na ação pedagógica, o educando, com seus interesses, aptidões e tendências, de modo a prepará-lo melhor para a vida numa sociedade em constante transformação.

O Movimento Renovador questionava o ensino tradicional. Do ponto de vista social, criticou o seu caráter seletivo, que não atendia às exigências sociais, políticas e econômicas de uma educação popular generalizada, e, do ponto de vista pedagógico, criticava o modelo “magiocêntrico” e autoritário que, ignorando os avanços científicos, ainda se mantinha preso aos padrões formais dos métodos de ensino e ao artificialismo dos programas e conteúdos, muito distantes dos progressos da vida moderna. Nestes termos, proclamava-se a substituição de suas bases pelos princípios de uma nova Pedagogia. Esta, que se imaginava científica, deveria estar fundada nos conhecimentos colocados à disposição pelas Ciências Humanas e, dentre elas, principalmente a Psicologia.

A Psicologia Infantil, nas obras de Binet, Claparède, Baldwin, Wallon e outros, confirmava cientificamente que a criança, não sendo um adulto em miniatura, tem sua própria maneira de ser, de pensar e de agir; que a infância possui um significado próprio cujo valor seria preciso conhecer, respeitar e explorar. Os estudiosos da infância contestavam, portanto, a idéia de criança como sujeito passivo, aprisionado pelos padrões do pensamento adulto, apresentando-a como ativa e livre, cujo desenvolvimento não sendo simplesmente determinado de fora, obedece aos seus interesses e necessidades mais efetivas.

Educadores como Montessori, Freinet, Decroly e Ferrière e, mesmo Dewey e Claparède, desenvolviam essas idéias no terreno pedagógico. Contrários a um ensinamento abstrato e intelectualista que considerava o aluno simplesmente receptivo diante do professor, propunham um *ensino novo*, que situava a criança e não mais o adulto no centro do processo pedagógico. Um ensino que, pela importância mesma atribuída àquilo que despertasse a curiosidade e sensibilidade da criança, que justificasse e alimentasse sua própria atividade, foi chamado *ensino ativo*. Os temas da espontaneidade infantil, do como ensinar atendendo as diferentes etapas ao desenvolvimento conviviam com a questão de novas formas de organização e gestão escolares. Os métodos ativos surgiam como sendo métodos adequados e a escola, caminhando na direção de uma grande transformação, passava a ser entendida como local apropriado de formação social, intelectual e moral. Em síntese, era essa a efervescência que animava a discussão pedagógica na época em que Piaget assumiu o cargo de diretor do BIE.

Entrando, pois, no cenário escolar, no momento em que se propunha a exaltação da criança e de sua atividade como centro do processo educativo e quando se asseverava a necessidade de constituição de uma Pedagogia fundada em bases científicas, Piaget, conforme analisam Hameline e outros (1996), admitiu as *idéias modernas* da educação. Seus primeiros estudos no campo da Psicologia, já vimos, apontavam o papel decisivo da atividade da criança na constituição do pensamento lógico, e isso, certamente, implicava, no terreno pedagógico, uma educação que considerasse e fizesse desenvolver essa atividade no processo de formação dos indivíduos. Piaget estava, portanto, certo da necessidade de abertura para novas perspectivas didáticas e seguro de que as contribuições da Psicologia seriam decisivas nesse empreendimento. Compartilhava, assim, das idéias renovadoras no campo educacional.

Durante o período em que esteve à frente do BIE – de 1929 a 1968 – Piaget, embora não fosse pedagogo, envolveu-se intensamente com as questões pedagógicas e esforçou-se por levar adiante essa discussão. Até o final dos anos de 1940 já havia publicado uma quantidade de textos nos quais se refere aos temas pedagógicos. Reunimos um total de 48 documentos entre os quais há artigos, relatórios, conferências e capítulos de livros que atestam o envolvimento de nosso autor com a discussão acalorada no auge da mais importante reforma de ensino do século XX.

O teor dos documentos aponta, basicamente, para três principais pontos de discussão no tratamento dado por Piaget ao tema educacional: a fundamentação psicológica dos métodos de ensino; a ênfase no desenvolvimento da Pedagogia científica e a idéia da educação como meio de reconstrução social. No que segue, evidenciaremos de que maneira e em que medida o autor tratou tais questões.

A Contribuição de Piaget para o Movimento Renovador da Educação.

Em muitos textos, Piaget dedicou-se à análise dos métodos e técnicas de ensino. Neles, elaborou suas críticas à escola tradicional e apresentou seus argumentos sempre favoráveis aos métodos chamados ativos. Entretanto, a sua defesa não era, em princípio, a defesa desses métodos como novas técnicas em si mesmas - ainda que os julgasse mais apropriados quando comparados com os modelos tradicionais - mas empenhava-se por situar a questão num terreno suficientemente objetivo, mostrando como as recentes descobertas da Psicologia Infantil confirmavam os propósitos dos novos métodos educacionais e por que eles se convertiam em novas formas de trabalho pedagógico. Para Piaget era fundamental que os professores soubessem qual é a estrutura de pensamento da criança a educar; que conhecessem as leis funcionais que explicam o desenvolvimento intelectual e os fatores que o influenciam, para que, cientes, pudessem exercer seu trabalho de acordo com tais parâmetros.

Podemos dizer que a pedagogia tradicional atribuía à criança uma estrutura mental idêntica à do adulto, mas um funcionamento diferente [...]. Ora, o contrário é que é verdadeiro. As estruturas intelectuais e morais da criança não são as nossas; aliás, os novos métodos da educação se esforçam para apresentar às crianças de diferentes idades as matérias de ensino sob formas assimiláveis à sua estrutura e aos diferentes estágios de seu desenvolvimento. Mas, quanto à relação funcional, a criança é idêntica ao adulto. Como este, ela é um ser ativo cuja ação, regida pela lei do interesse ou da necessidade, só pode dar seu pleno rendimento se se fizer um apelo aos móveis autônomos dessa atividade. (Piaget, 1969/1988, p.157-158).

Destacava ainda, dentre os métodos ativos, aqueles que, do ponto de vista psicopedagógico, apresentavam-se com mais vantagens e, então, acentuava os métodos coletivos. A consideração do trabalho conjunto, realizado por equipes e a importância da cooperação e da livre discussão na formação intelectual e moral dos alunos foram pontos amplamente discutidos por Piaget em seus textos escritos para os educadores.

Uma das grandes contribuições desses artigos para o Movimento Renovador está, pois, na justificativa *do valor psicológico* dos métodos ativos (HAMELINE, 1996). Munido dos resultados empíricos proporcionados por suas pesquisas em Psicologia Infantil, Piaget tornava estreita a união dos princípios didáticos da educação nova com a explicação científica. Mas, seria a justificação psicológica, na análise de Piaget, suficiente para sustentar e garantir uma reforma do ensino?

Se, de um lado, Piaget apresentava a Psicologia Infantil, especialmente a sua Psicologia Genética, como fundamentação científica dos novos métodos de ensino, por outro lado, insistia também na necessidade de pesquisas no universo da escola. Insistência que expressou sua concordância e o claro incentivo para a fundação de uma Pedagogia científica, aberta a pesquisas interdisciplinares e em cuja vocação estaria a busca cuidadosa de explicações para os problemas escolares. Piaget estava, portanto, convencido de que para fazer avançar a Pedagogia, seria preciso ir para além do conhecimento teórico-psicológico que ele próprio se encarregava de apresentar em seus textos educacionais.

Se a pedagogia quer ser uma aplicação deduzida, sem mais, de nossos conhecimentos em psicologia da criança, isto seria inútil. [...] A pedagogia está longe de ser uma simples aplicação do saber psicológico [...]. Uma coisa é, por exemplo, provar que a cooperação no jogo ou na vida social espontânea das crianças acarreta alguns efeitos morais, e outra coisa, é estabelecer que esta cooperação possa ser generalizada a título de processo educativo. Sobre esse último ponto, só a pedagogia experimental é competente [...]. Mas o gênero de experiências que tal pesquisa comporta só pode ser instituído por educadores, ou por uma reunião de práticos e psicólogos escolares. Assim, não está ao nosso alcance deduzir-lhes os resultados. (Piaget, 1932/1994, p.300-302).

Mas há ainda outra questão, ligada ao contexto geral do Movimento Renovador, cujo tema perpassa os textos educacionais de Piaget dos anos entre 1920 e 1940: a idéia da educação como fator importante na reconstrução social, como instrumento de paz e de aproximação entre os povos, tal como habitava nas reflexões sobre o ensino desde o início do século XX e, especialmente, durante o período entre as duas grandes guerras mundiais.

No afluxo dessa idéia e pela perspectiva de Piaget nada parecia mais apropriado para encaminhar uma discussão sobre o valor dos métodos coletivos ou sobre a pedagogia da educação internacional, baseada no princípio de cooperação e ajuda mútua, do que a noção de egocentrismo e do processo de sua superação. De um lado, utilizando uma linguagem muito simples, Piaget sintetizou os fatos psicológicos, situou as idéias teóricas contidas em seus primeiros livros e fez alusões sobre implicações pedagógicas. De outro lado, sem proceder, em nenhum momento, a uma análise propriamente sociológica, mas tendo sempre como pressupostos os princípios de uma sociedade democrática, ele procurou mostrar que o ideal de justiça e paz mundiais abraçado pela educação somente poderia encontrar sua realização se na escola penetrasse, simultaneamente, o espírito de

cooperação e trocas sociais e o conhecimento objetivo sobre os processos de socialização que a psicologia da criança e a sociologia, de maneira geral, apresentavam.

Na concepção de Piaget, a cooperação, única a permitir a superação do egocentrismo, característico do pensamento infantil, conduz a inteligência à coerência e à objetividade. Mas essas qualidades do pensamento socializado, somente poderiam se constituir com base nas relações interindividuais. E então? Não seria a escola um lugar privilegiado para o exercício da cooperação e das trocas interindividuais? Se considerarmos a resposta de Piaget à pergunta como uma afirmação, então compreenderemos melhor a natureza de suas preocupações com a escola e com o modo como trabalha. A esse propósito selecionamos um trecho no qual Piaget põe em evidência o valor da escola na constituição da razão humana:

Sem que seja possível, atualmente, fixar, com certeza, o limite entre o que provém da maturação estrutural do espírito e o que emana da experiência da criança ou das influências de seu meio físico e social, pode-se [...] admitir que os dois fatores intervêm continuamente e que o desenvolvimento deve-se à sua interação contínua. Do ponto de vista da escola, isto significa, de um lado, que é preciso reconhecer a existência de uma evolução mental. [...] Isso significa também, por outro lado, que o meio pode desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento do espírito; que métodos são podem, portanto, aumentar o rendimento dos alunos e mesmo acelerar seu crescimento espiritual sem prejudicar sua solidez. (Piaget, 1969/1988: 176).

Assim, verificamos que Piaget procurou mostrar aos educadores a importância do papel pedagógico (social, portanto) que têm a desempenhar na formação do pensamento humano e que o conhecimento objetivo, mesmo sendo o resultado de um processo interno, não é, contudo, solitário.

Ao final deste estudo, pudemos compreender como Piaget tratou de questões próprias do movimento pedagógico que lhe era contemporâneo. Diríamos, para efeito de síntese, que as reflexões que predominaram nos textos educacionais de Jean Piaget neste período de aproximadamente 30 anos foram sempre estas: de um lado, a necessidade de as técnicas ou os métodos educativos estarem em estreita união com as leis de uma Psicologia sistemática que fornecessem uma interpretação científica do desenvolvimento infantil e da atividade psíquica e, de outro lado, a necessidade de verificação empírica das implicações pedagógicas decorrentes dessa parceria.

Pensamento, aliás, não muito original, visto que a Psicologia na base dos métodos novos e a fundação de uma Pedagogia científica não foram invenções de Piaget. O debate sobre a escola e a necessidade de sua renovação já estava presente nas reflexões dos educadores muito antes de Piaget dele se ocupar. Mas, certamente que ele, um cientista, no auge do desenvolvimento de suas pesquisas psicogenéticas, que também dirigia uma Instituição totalmente imersa nessa temática, se encontrava autorizado, senão responsabilizado, por encaminhá-lo.

E o fez, situando, porém, suas contribuições no domínio específico de sua competência. Entusiasmado com suas pesquisas em Psicologia Genética e seguro de que os resultados alcançados até então apontavam para uma explicação do processo de aquisição do conhecimento humano, Piaget colocou-os à disposição da Pedagogia. *Atividade estruturante, egocentrismo infantil, socialização progressiva, autonomia moral e autonomia intelectual* foram os termos de sua discussão. Com o primeiro ele destacou o significado de uma atividade espontânea, emanada da própria necessidade de ação e que, por isso mesmo, se constitui como motor de um processo contínuo que é o desenvolvimento da razão humana. Com o segundo termo Piaget caracterizou a especificidade do pensamento infantil que os educadores não poderiam olvidar, se quisessem, de fato, desempenhar uma ação pedagógica consciente e eficaz. Os demais termos, indicaram o segredo e o remate dessa ação.

Dirigindo-se, pois, àqueles que mais diretamente se encarregavam da tarefa pedagógica, Piaget encaminhou o debate, privilegiando aí a discussão sobre os métodos e as técnicas de ensino. É que, além de pensar que os professores deveriam compreender muito bem a natureza própria do pensamento da criança e as leis de constituição psicológica do sujeito que conhece, ele estava certo da importância dos métodos de ensino, não como técnicas em si mesmas, já adiantamos, mas como instrumentos sem os quais o professor não poderia trabalhar. Por isso, supomos, ele escrevia para professores, dedicando muitos artigos à análise dos métodos e procedimentos pedagógicos. E mesmo que se alongasse (com razão!) em explicações fundamentadas em pesquisas psicogenéticas ou numa teoria de desenvolvimento infantil, Piaget, naqueles textos, não tratava, a rigor, de Psicologia ou de crianças-sujeito, mas colocava-se na perspectiva da Pedagogia, referia-se a crianças-aprendizes e, se quisermos, a métodos de trabalho do professor. Todavia, dirigia-se também aos teóricos, aos “*homens de gabinete*”, àqueles que indiretamente chegavam à sala, seja com a responsabilidade da formação dos professores, seja definindo as diretrizes políticas e pedagógicas da ação educativa. A quantidade de textos dedicados à análise crítica dos métodos pedagógicos - sejam eles da escola tradicional ou da escola ativa - e redigidos para demonstrar a fundamentação científica destes últimos ou, ainda, para confirmar o papel da educação na formação social, moral e intelectual dos indivíduos, testemunha essa afirmação.

Se for possível, em poucas palavras, resumir os pontos fundamentais da discussão de Piaget que encontramos nos textos escritos durante os anos 20, 30 e 40, diríamos que em nome da Psicologia, ou melhor, dos *fatos psicológicos*, especialmente aqueles extraídos de suas pesquisas psicogenéticas, ele procurava esclarecer o *valor psicológico* dos métodos ativos e, em nome dos *fatos pedagógicos*, imprescindíveis, a seu ver, na constituição da Pedagogia Científica, insistia na necessidade de pesquisas educacionais que elucidassem o seu *valor educativo*, tarefa que, entretanto, reservava especialmente aos pedagogos.

Tendo, portanto, extraído de seus estudos a confirmação da importância das ações da criança no processo de constituição da inteligência e do conhecimento científico, pareceu-nos muito natural o fato de que Piaget se dispusesse a endossar, no âmbito pedagógico, situações didáticas como aquelas propostas pela Escola ativa e que procurasse, no limite de

suas contribuições, fundamentá-las cientificamente. E fez isso com sucesso (OELKERS, 1996). Desde que assumiu o posto de diretor do BIE, promoveu não apenas o intercâmbio entre diferentes manifestações do Movimento Renovador, colaborando, assim, para sua expansão mundial, mas também - e o que é mais importante - proporcionou, para a Educação, uma teoria científica da criança.

Referências

COLL, C. *Conocimiento Psicológico y Práctica educativa: introducción a las relaciones entre psicología y educación*. Barcelona : Barcanova, 1988.

HAMELINE, D. et al. L'Enfant Actif sous Observation. In: HAMELINE, D.,

VONÈCHE, J. (Org.). *Jean Piaget: agir et construire: aux origenes de la connaissance chez l'enfant et le savant*. Genève: FPSE de l'Université de Genève/Musée d'Ethnographie de Genève, 1996. p.112-151.

NAVES, M. L. P. *Piaget e a Educação: um estudo dos escritos educacionais de Jean Piaget. Tese de Doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

OELKERS, J.A. Educação Nova. In: BARRELET, J.M., PERRET-CLERMONT, A-N. (org.). *Jean Piaget: Aprendiz e Mestre*. Lisboa : Instituto Piaget, 1996. p. 219-234.

PIAGET, J. Autobiographie. *Cahiers Vilfredo Pareto/Revue Européenne des Sciences Sociales*. (Les Sciences Sociales avec et après J. Piaget). Genève, v.14, n.38/39, p.1-43, 1976.

_____. *Psicologia e Pedagogia*. (1969). Rio de Janeiro: Forense, 1988.

_____. *O Juízo Moral na Criança*. (1932). São Paulo: Summus, 1994.

Recebido em dezembro de 2009

Aprovado em março de 2010